

**JÁ ACHEI UMA FLOR GLORIOSA**  
**A Missionária Frida Vingren e a oposição sofrida por uma**  
**mulher vocacionada\***

**I have already found a glorious flower**  
**Missionary Frida Vingren and the opposition suffered by a vocational woman.**

Jansen Racco Botelho de Melo\*\*

**RESUMO**

A história da missionária sueca Frida Maria Strandberg Vingren (1891 – 1940) é fortemente inspiradora. Viveu sua vocação, que acreditava ter recebido de Deus, de modo sincero e devoto, ao mesmo tempo em que foi marcada por sofrimentos devido aos inúmeros confrontos com os quais teve de lidar. Frida foi uma mulher multitalentosa, capaz de desempenhar várias atividades com êxito mantendo sempre sua terna fé. Dedicou aproximadamente dezesseis anos de sua vida ao trabalho missionário no Brasil (1917 – 1932), sendo responsável pela estruturação e avanço da obra pentecostal no país. Por causa de suas muitas habilidades e perfil de liderança, Frida sofreu oposições veladas e declaradas por parte de figuras masculinas, bem como várias perdas, isolamentos e dores. Mesmo depois de sua morte, a história oficial não lhe fez justiça, Frida foi invisibilizada e até hoje seu legado é, em grande medida, desconhecido inclusive por aqueles que fazem parte da igreja que ajudou a fundar. Esta pesquisa procura trazer luz à história de resistência de Frida Vingren mostrando como uma estrutura centralizada no masculino pode ser capaz de perseguir e excluir mulheres da sua própria vocação.

**PALAVRAS-CHAVE**

Vocação; Oposição; Feminino; Resistência

**ABSTRACT**

The story of Swedish missionary Frida Maria Strandberg Vingren (1891 – 1940) is powerfully inspiring. He lived his vocation, which he believed he had received from God, in a sincere and devout way, at the same time as it was marked by suffering due to the countless confrontations he had to deal with. Frida was a multitalented woman, capable of carrying out various activities successfully while always maintaining her tender faith. He dedicated approximately sixteen years of his life to missionary work in Brazil (1917 – 1932), being responsible for structuring and advancing Pentecostal work in the country. Because of her many skills and leadership profile, Frida suffered veiled and declared opposition from male figures, as well as various losses, isolation and pain. Even after her death,

---

\* Esta pesquisa é fruto do estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) sob a supervisão do Professor Dr. Luis Correa Lima.

\*\* Doutor e Mestre em Teologia Sistemática-Pastoral pela PUC-Rio, Especialista em Ciências Políticas pela UNYLEYA, Licenciado em História pela UCP e Graduado em Teologia pela UMEP.

official history did not do her justice, Frida was made invisible and to this day her legacy is, to a large extent, unknown even by those who are part of the church she helped to found. This research seeks to shed light on Frida Vingren's story of resistance by showing how a male-centered structure can be capable of persecuting and excluding women from their own vocation.

## KEYWORDS

Vocation; Oposition; Feminine; Resistance.

## INTRODUÇÃO

O caso de Frida Maria Strandberg Vingren é emblemático, pois reflete a histórica dificuldade de igrejas pentecostais e neopentecostais em lidar com o protagonismo feminino em suas fileiras e como suas autoridades em muitos casos tiveram posturas repressivas. Além disso se faz necessário pensar que tais posturas não se resumiram ao passado, mas continuam acontecendo em muitos setores ainda no século XXI.

O papel da mulher na sociedade ocidental frequentemente foi renegado a um plano de inferioridade em relação ao homem. À mulher cabia apenas o papel familiar, como de casar-se, zelar pelo bem-estar do marido, cuidar da casa e dos filhos, os quais ela deveria gerar no maior número possível. Diante da sociedade o papel feminino foi sempre o mais discreto possível.

Na Idade Contemporânea, os direitos da mulher foram relativamente recentes e nem sempre chegaram de maneira plena. O acesso ao sufrágio feminino, por exemplo, só foi oficializado no Brasil no século XX, mais precisamente em 1932. A presença da mulher no ambiente de trabalho e nas universidades também demorou a se consolidar e até os dias atuais existem dificuldades em relação à equiparação salarial com os homens pelas mesmas funções exercidas.

A Revolução Francesa em 1789, considerada por muitos historiadores o início da Idade Contemporânea e inspirada nos ideais de Igualdade, Liberdade e Fraternidade, produziu o documento chamado: Os Direitos do *Homem* e do Cidadão, que considerava apenas a pessoa do sexo masculino como titular dos direitos básicos da cidadania, isso já às portas do século XIX<sup>1</sup>.

Foi apenas em 10 dezembro de 1948, já na metade do século XX, que surgiu a Declaração Universal dos Direitos *Humanos*, um documento que via o ser humano, e não mais apenas o do sexo masculino, como titular dos direitos básicos da existência humana e da cidadania<sup>2</sup>. Só após esse período a mulher passou a ser vista como sujeito de direitos na mesma medida que o homem, o que não quer dizer que na prática isso tenha se resolvido instantaneamente.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/414/2018/10/1789.pdf>

<sup>2</sup> Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos>

Nos ambientes eclesiásticos onde predomina o caráter conservador e que visa a manutenção da família tradicional e patriarcal o espaço para o protagonismo da mulher fica ainda mais comprometido.

Com frequência, nas igrejas pentecostais e neopentecostais cabe à mulher os papéis que ela costuma desempenhar em seu cotidiano familiar: ela pode orar, pode cozinhar, pode limpar e cuidar das crianças<sup>3</sup>. A grande maioria dessas denominações não reconhece o ministério pleno das mulheres e quando, raramente, dão a algumas o título de pastora, essa atividade tem de estar submissa à atividade do marido, sendo este pastor e sempre numa posição hierárquica superior à dela.

Os ambientes eclesiásticos apresentam suas contradições, pois mesmo sendo formados por uma maioria feminina quando o assunto é o pastorado as mulheres ficam de fora. Nos casos em que essas igrejas aceitam que mulheres possam pregar, geralmente essa atividade fica, na prática, restrita a cultos temáticos para as próprias mulheres e sua fala quase sempre reproduz um discurso que respalda à submissão feminina em relação aos seus maridos.

Frida Vingren foi uma mulher à frente de seu próprio tempo, vivendo numa época muito hostil ao protagonismo feminino. Possuía muitos talentos, profissão própria e perfil de liderança, além de ser uma pessoa corajosa. Suas habilidades faziam com que se destacasse ao mesmo tempo em que a deixava exposta e, por isso, foi atacada de muitas maneiras enquanto permaneceu no Brasil.

Frida foi enviada como missionária e professora de Bíblia ao Brasil pela sua congregação, a Igreja Filadélfia de Estocolmo na Suécia. A imigração sueca para o país já acontecia desde o século XIX e foi incentivada pelo próprio monarca, o imperador Dom Pedro II. No início do século XX algumas dezenas de milhares de suecos já moravam no Brasil e dentre eles alguns missionários protestantes, em especial batistas.

O ministério de Frida Vingren no Brasil durou de 1917 a 1932 e foi produtivo e intenso, mas também marcado por sofrimentos. Seu impactante testemunho é um alerta de como as instituições religiosas, marcadas por um profundo conservadorismo, podem ser agressivas em relação às vozes dissonantes ou mesmo em relação às pessoas que não se encaixam nos modelos pré-determinados pela estrutura eclesiástica, como no caso das mulheres, que sofreram no passado e continuam sendo cerceadas em seus direitos ministeriais em pleno século XXI.

## **1. BREVE BIOGRAFIA DE FRIDA MARIA STRANDBERG VINGREN**

Frida Maria Strandberg Vingren nasceu no dia 09 de junho de 1891 na pequena cidade sueca de Sjalevad. O nome Frida se origina do vocábulo sueco

---

<sup>3</sup> COSTA, Moab Cesar Carvalho. **O Atualização do Pentecostalismo Brasileiro**. São Paulo: Recriar, 2020. Pg. 123

*frior* que significa *Paz*, algo que ao longo de sua vida teria muita dificuldade de desfrutar<sup>4</sup>.

Frida foi uma das filhas do casal Jonas Strandberg e Kristina Sundelin e desde cedo teve de conviver com o sofrimento, pois sua mãe morreu quando tinha apenas quatorze anos de idade. Seu pai teve outras esposas ao longo de sua vida, e destas, a quarta expulsou Frida de casa quando tinha apenas dezessete anos<sup>5</sup>.

Coragem nunca faltou para Frida seguir a sua vida, ainda quando moça estudou enfermagem, profissão esta que desempenhou já em sua juventude inclusive durante seu ministério no Brasil ajudando pessoas desassistidas em suas necessidades. Frida foi tão bem-sucedida nesta carreira que chegou a ser chefe no hospital Sabbatsbergs de Estocolmo entre os anos de 1916 e 1917<sup>6</sup>.

A família de Frida era frequentadora da Igreja Luterana, mas em 1916 conheceu o Movimento Pentecostal sueco e se tornou frequentadora da Igreja Filadélfia de Estocolmo. Ao final daquele ano Frida fez um curso bíblico na cidade de Gotabro durante oito meses. Este curso lhe preparava para o ministério de ensinar a Bíblia e lhe deu o título de *Bibelkvinna*<sup>7</sup>, o que lhe conferia a autoridade como mestre dos conteúdos bíblicos, algo relevante para aquele contexto. A Igreja Filadélfia de Estocolmo era uma igreja Batista presidida pelo pastor Lewi Petrus (1884 – 1974). Petrus assumira a liderança da mesma em 1910 e três anos depois esta igreja seria expulsa da Convenção Batista Sueca, pois tinha se tornado uma igreja de liturgia e hábitos pentecostais<sup>8</sup>.

Em 24 de janeiro de 1917 Frida foi batizada nas águas, testemunhou a recepção do batismo no Espírito Santo (uma experiência marcante na tradição pentecostal) e ao compartilhar com o Pastor Lewi Petrus sobre o seu despertamento vocacional, foi ordenada como missionária e enviada para o Brasil.

No dia 12 de junho de 1917 embarcou no navio *Bergensfjord* e depois de passar por Nova Iorque chegou a Belém do Pará no dia 14 de julho do mesmo ano. Toda a sua jornada até o Brasil foi feita sozinha, o que já fugia dos padrões exigidos na época para as mulheres, especialmente as solteiras<sup>9</sup>.

Ao chegar em Belém do Pará, Frida ficou encantada com as belezas e estrutura do local. A cidade crescia em importância impulsionada pelo ciclo da borracha, que à época trazia prosperidade para a região. Foi por causa dessa pujança da cidade do Norte do Brasil que os primeiros missionários pentecostais, em especial os de origem sueca, se sentiram despertados para fazer missões no país.

---

<sup>4</sup> ARAUJO, Isael. **Frida**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014. Pg. 15

<sup>6</sup> VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de Frida Maria Strandberg (1891 – 1940)**. Tese Doutoral, São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016. Pg. 182

<sup>6</sup> ARAUJO, Isael. **Frida**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. Pg. 25

<sup>7</sup> *Bibelkvinna* significa literalmente, mulher-Bíblia, ou seja, mulher habilitada para ensinar a Bíblia.

<sup>8</sup> ARAUJO, Isael. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Pg. 366

<sup>9</sup> ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira**. São Paulo: Novos Diálogos, 2013. Pg. 116

Em 16 de outubro de 1917, Frida se casou com o noivo que conhecera na Suécia, Gunnar Vingren (1879 – 1933) e a partir desta data ficaria conhecida como Frida Vingren. Gunnar juntamente com o parceiro Daniel Berg (1884 – 1963) são considerados os fundadores das Assembleias de Deus no Brasil. Ao lado do esposo, Frida também teve um importante papel de organização e trabalho nas primeiras igrejas fundadas por aqui, entretanto não é apresentada com o mesmo protagonismo que de Gunnar Vingren e Daniel Berg.

Frida e Gunnar ficaram casados por dezesseis anos e a vida do casal não foi nada fácil. Sofreram muitas indisposições ao longo de seus ministérios no Brasil especialmente por parte do pastor que celebrou seu casamento, Samuel Nystrom (1891 – 1960).

Gunnar tinha uma saúde debilitada, o que o fez lidar com muitas enfermidades ao longo de sua vida. Essa condição muitas vezes o impossibilitou de exercer a liderança nas igrejas por onde passou. Além da fragilidade da saúde, Gunnar teve muitas restrições financeiras e o casal sempre precisou lutar muito para sobreviver.

Frida e Gunnar trabalharam juntos na Igreja em Belém do Pará e depois fundaram a Igreja do Rio de Janeiro no bairro de São Cristóvão. Ambas até os dias de hoje são referências para a Assembleia de Deus no Brasil. Tiveram seis filhos: o mais velho Ivar Vingren nascido em 1 de julho de 1918, Rubem Vingren nascido em 11 de agosto de 1919, Margit Vingren de 24 de maio de 1922, Astrid em 9 de março de 1924, Bertil em 1 de maio de 1926 e por último, Gunvor Vingren que nasceu em 27 de setembro de 1928<sup>10</sup>. Os seis filhos nasceram em solo brasileiro e, além destes Frida sofreu um aborto espontâneo no final da estadia da família em Belém do Pará.

No ano de 1921, o casal fez uma viagem para a Suécia e em fevereiro de 1923 retornaram para Belém onde permaneceram por mais um ano antes de se mudarem para o Rio de Janeiro em 3 de junho de 1924. Frida testemunhou euforia com a possibilidade de começarem um trabalho na capital do país. Era a época da Primeira República, e pela primeira vez na história brasileira o Estado era laico e havia a possibilidade de cultos públicos, o que anteriormente só acontecia em nível doméstico.

Durante o período em que esteve no Rio de Janeiro, Frida assumiu a liderança dos trabalhos eclesiais diversas vezes, pregou, lecionou, fez cultos em presídios e editou o jornal *O Som Alegre* a partir de 1929. Seu perfil de liderança e múltiplos dons e habilidades fariam com que as oposições masculinas se levantassem contra ela. O ano de 1930 foi o momento ápice das oposições sofridas pelo casal Vingren. Foi feita a convocação de uma Convenção Geral, que na prática cercearia a liberdade e o protagonismo feminino nas igrejas Assembleia de Deus.

---

<sup>10</sup> ARAUJO, Israel. **Frida**. Pg. 60

Quando os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren vieram para o Brasil em 1911 com o propósito de implantarem o Movimento Pentecostal, a igreja trazida por eles naquele momento ainda não se chamava Assembleia de Deus. Os primeiros cultos foram realizados em casas e em igrejas batistas também de liderança sueca e nos primeiros anos desse Movimento o nome utilizado foi o homônimo dos Estados Unidos, a saber Missão da Fé Apostólica.

O nome mais popular da denominação veio apenas em 1918 e no plural: as Assembleias de Deus. O nome no plural queria dizer muita coisa. Não era um movimento centralizador e padronizado, mas com a proposta da Convenção Geral de 1930. Tal *pluralidade* ficou comprometida e a partir daquele momento as regras, doutrinas, lideranças e costumes seriam uniformizados.

O casal Vingren ainda permaneceria mais dois anos no Rio de Janeiro, mas em 16 de setembro de 1932<sup>11</sup> deixariam definitivamente o Brasil em direção à Suécia. Ao retornarem para a Suécia a família Vingren passaria ainda por muitas dificuldades e sofrimentos que culminariam com a morte de Gunnar no dia 29 de junho de 1933. Frida ainda tentaria retornar para o Brasil, mas foi impedida por pessoas ligadas à Igreja Filadélfia.

A biografia de Frida Vingren revela uma mulher devotada e muito eficiente em tudo o que se propunha a fazer, zelosa para com a causa em que acreditava. Entretanto toda essa coragem sucumbiu diante das perseguições e, mesmo tendo sido aguerrida enfrentou uma estrutura forte demais para as suas forças.

Ainda hoje, muitas mulheres pentecostais continuam devotas, dedicadas e ao mesmo tempo excluídas da liderança ativa de suas igrejas, não reconhecidas ministerialmente, silenciadas em seus anseios e ensinadas a serem submissas à figura masculina, sejam pastores, maridos e pais. Mulheres apaixonadas pela vocação, sinceras e com fortes perfis de liderança continuam sendo cerceadas e colocadas em papéis secundários, tendo suas vozes caladas e suas lideranças não-reconhecidas pelas igrejas nas quais dedicam suas vidas.

Trazer luz à vida e obra de Frida continua sendo uma tarefa desafiadora e necessária. Fazer menção à sua memória é revelador e pedagógico para que outras *Fridas* não tenham o mesmo tratamento que a missionária infelizmente teve.

## **2. O MINISTÉRIO DE FRIDA VINGREN NO BRASIL.**

Frida Vingren chegou ao Brasil em 1917 para exercer seu ministério. Suas características eram notáveis, mulher corajosa, dotada de muitas aptidões e intelectualmente privilegiada. Falava inglês e aprendeu também o português a ponto de pregar, ensinar e escrever nesta língua. Ao longo de sua vida demonstrou habilidades em diversas áreas, era poetisa, tradutora, compositora, musicista, redatora, escritora, professora, pregadora e pesquisadora. Seus múltiplos talentos

---

<sup>11</sup> ARAUJO, Israel. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Pg. 365

de Frida lhe faziam ser alguém muito acima da média, inclusive acima da média dos próprios homens de seu tempo.

Frida era uma líder completa e competente em tudo o que se propunha a fazer<sup>12</sup>. Talvez tenha sido justamente as múltiplas qualidades que fez Frida sofrer tantas oposições e tentativas de silenciamento ao longo de seu ministério. Suas múltiplas qualidades lhe deram um protagonismo acima do que era aceitável para uma mulher. Nenhum dos pastores suecos que atuavam no Brasil demonstravam a mesma capacidade que ela, nem mesmo o marido Gunnar Vingren e o seu parceiro de missão Daniel Berg.

Gunnar Vingren a apoiava e reconhecia sua capacidade enquanto líder e, por isso, também foi alvo dos ataques dos que não se sentiam confortáveis em presenciar o destaque de uma liderança feminina tão evidente.

Frida Vingren realizou um importante trabalho evangelístico e de discipulado com crianças, uma tarefa até os dias atuais muito comum entre as mulheres pentecostais. Além de educar e cuidar das crianças, Frida também se empenhou no trabalho social e lidou com as muitas demandas que encontrava, usando inclusive sua habilidade de enfermeira para servir às pessoas mais necessitadas. Frida ajudou muitas mulheres quando iam dar à luz atuando como parteira<sup>13</sup>.

Enquanto atuava como missionária em Belém, Frida enviava informações e relatórios para o jornal de sua igreja, o *Evangelii Harold*. Periodicamente enviava textos contando a realidade que conhecia no Brasil, como no artigo de 1918 em que falou sobre a realidade do trabalho doméstico e o artigo de 1923 em que contou sobre o Círio de Nazaré que ela conheceu durante o tempo em que viveu na capital paraense.

Em 1919, Frida ajudou na criação de um jornal para o trabalho das Assembleias de Deus aqui no Brasil. Surgiu o *Boa Semente*, jornal este em que trabalhou como redatora e escritora de artigos, como por exemplo, o texto intitulado *Quando vier o Filho do Homem* de 1924.

Frida também demonstrou uma notável habilidade para compor e traduzir hinos e, estes até os dias atuais fazem parte da coletânea oficial da Assembleia de Deus conhecido como *A Harpa Cristã*, muito destes também presentes em hinários de outras denominações de tendência pentecostal. Na Harpa Cristã existem vinte e três hinos assinados por Frida Vingren, dentre eles os mais conhecidos *Se Cristo comigo vai*, *Eu Creio sim*, *Salvo Estou* e *Já achei uma flor gloriosa*. Seus hinos apresentam uma Teologia não refinada e popular. Suas letras enfatizavam devoção e paixão pela pessoa de Jesus Cristo e a disposição em fazer a obra divina. Seus hinos são repletos de poesia e revelam sinceridade e contemplação.

---

<sup>12</sup> Ibid, pg. 905

<sup>13</sup> ARAUJO, Isael. **Frida**. Pg. 42

Frida era, antes de tudo, uma mulher piedosa. Alguém que realmente acreditava na vocação que tinha recebido e que estava disposta a dedicar a sua vida por esta causa, como ela de fato o fez ao longo de seus dias.

Frida não pretendia ser uma revolucionária, nem desejava chocar as mulheres de seu tempo. Não é possível dizer que tenha sido uma feminista com as conotações contemporâneas que esta designação traz consigo, mas entendia que os dons espirituais e as vocações são dadas por Deus para todas as pessoas, independentemente de serem homens ou mulheres.

Frida Vingren não tinha expectativas de causar uma revolução ou mesmo em revirar as tradições presentes em seu contexto, era uma esposa e mãe dedicada ao mesmo tempo em que era apaixonada pelas tarefas ministeriais, uma pessoa devota que sinceramente acreditou na mensagem cristã e não media esforços para fazer o melhor que podia ser feito, e suas possibilidades eram muito variadas.

Se por um lado, Frida era uma mulher piedosa e humilde, por outro não assistiria seu silenciamento de modo passivo. Era convicta de sua vocação e estava decidida a praticá-la enquanto vivesse. Nunca apresentou em sua personalidade o desejo de se favorecer com suas capacidades, antes, estas sempre estiveram à disposição das pessoas que passavam pelo seu caminho e as servia com zelo e gratuidade.

No início de junho de 1924 chegou com a família na capital federal, cidade do Rio de Janeiro. Ali Frida sofreria uma oposição ainda mais declarada. Nesta cidade, Frida continuou exercendo o cuidado com as pessoas mais pobres, ensinando na igreja e indo além dela mesma: pregava em praça pública e ensinava lições de Escola Bíblica Dominical em presídios. Dirigia os cultos, trabalhos de evangelização e realizava diversas visitas em casas, além da dedicação aos serviços sociais.

Em 1929 foi uma protagonista na fundação de um novo jornal no qual foi redatora e escritora, o *Som Alegre*. A criação deste órgão de comunicação foi uma resposta a centralização que Samuel Nystrom procurou fazer com o antigo jornal *Boa Semente*. O jornal duraria pouco tempo, pois em 1930 seria criado um novo jornal chamado o *Mensageiro da Paz*, unificando assim as publicações da Assembleia de Deus e mesmo neste novo veículo, Frida continuaria tendo papel de destaque.

Um episódio marcante deixou claro a participação de Frida na liderança da Igreja. Em 1925 ela foi a principal responsável pela ordenação ao diaconato de Emília Costa. Este episódio foi marcante por muitos motivos: era Emília Costa a primeira diaconisa ordenada no Brasil, uma mulher negra, pobre e doméstica, o que evidencia o que durante muito tempo foram características do Movimento Pentecostal Brasileiro.

Se atualmente já se percebe uma quantidade expressiva de *igrejas-shoppings*, de pastores bem-sucedidos financeiramente e de estruturas ministeriais



imponentes, durante a história não foi assim. O Pentecostalismo brasileiro cresceu especialmente entre os periféricos, entre os mais vulneráveis da população brasileira, especialmente entre mulheres e negros.

O episódio da ordenação de Emília Costa é simbólico e mostra como Frida exerceu uma tarefa que apenas os pastores presidentes fariam: a ordenação de uma diaconisa<sup>14</sup>. Tal acontecimento é uma evidência de que sua liderança não era apenas eventual, mas era exercida com plenitude.

No Movimento Pentecostal os *sacramentos*<sup>15</sup> são celebrados apenas pelos pastores-presidentes. Na maioria dos casos, nem mesmo o pastor de uma congregação tem autorização para ministrá-los, apenas os pastores das igrejas-sede ou aqueles por estes autorizados. A ordenação diaconal é um desses casos. Uma cerimônia importante para a vida eclesiástica e que é celebrada pelo pastor principal dos trabalhos. Sendo assim, fica evidente que Frida Vingren exerceu sua liderança de modo completo. Sua ação de ordenar a diaconisa Emília Costa foi também respaldada pelo marido Gunnar Vingren.

A liderança de Frida não se media apenas nas muitas atividades ministeriais que desempenhava, a substituição ao marido na liderança da igreja quando este não podia exercê-la e o caso da ordenação de Emília Costa não foram os únicos exemplos. Sua liderança iria mais além.

Em maio de 1930 um comunicado publicado no jornal *Boa Semente*, até então o órgão de comunicação oficial da Assembleia de Deus, chamou a atenção: um homem chamado Raul Alvares de Abreu, que era membro da igreja sede do Rio de Janeiro, estava sendo excluído da comunhão da igreja<sup>16</sup>. A sua exclusão foi assinada por três lideranças, Frida Vingren, Palatino dos Santos e Joaquim Cardoso.

No caso da exclusão de Raul e sua publicação no jornal oficial, o primeiro dos nomes que assina tal decisão foi o de Frida Vingren<sup>17</sup>, o que é uma prova incontestável da influência e protagonismo que eram exercidos por esta missionária no contexto das Assembleias de Deus no Brasil daquele período.

Na lista tríplice que respaldava a exclusão do homem faltoso não constava o nome de Gunnar Vingren. Frida era a líder na prática do Movimento Pentecostal na ocasião, especialmente neste caso da Igreja presente na capital federal.

Mais de um século depois, as imagens de Gunnar Vingren e Daniel Berg continuam sendo celebradas e homenageadas como os fundadores da denominação, mas a imagem de Frida é deixada em um plano de importância menor do que é na realidade. E se o trato das lideranças eclesiásticas com Gunnar,

---

<sup>14</sup> ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira**. Pg. 119

<sup>15</sup> Na tradição pentecostal o termo *Sacramento* não é usual, geralmente se usa a expressão *Ordenanças*.

<sup>16</sup> Ser excluído da comunhão da igreja em denominações pentecostais é um equivalente à excomunhão na Igreja Católica.

<sup>17</sup> ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira**. Pg. 131 - 132

praticamente expulso do Brasil em 1932 e, com Berg, que nunca alcançou cargo de relevância na igreja e precisou vender Bíblias para se sustentar, já não foi à altura do que eles representaram, quanto mais com Frida que continua sendo vista apenas como a *esposa do fundador*, sendo que ela sempre foi muito mais que isso.

Frida Vingren foi admiradora da missionária canadense fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular, Aimee Simple McPherson (1890 – 1944). Uma mulher que exerceu a liderança plena no movimento que ela mesma fundou e que também era notável por suas habilidades e perfil de liderança. Frida teve a oportunidade de conhecê-la em uma viagem que fez aos Estados Unidos, além disso, quis traduzir e publicar no Brasil textos e pregações de McPherson<sup>18</sup>.

Frida Vingren chegou a trocar algumas correspondências com McPherson, nos seus textos expressava a admiração que sentia pela liderança exercida pela canadense, cujo exemplo muito a inspirava.

Como o protagonismo de Frida era nítido, no mesmo ano de 1930 os pastores suecos residentes no Brasil, liderados por Samuel Nystrom convenceram o pastor presidente da Igreja Filadélfia de Estocolmo de convocar a primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no país. O evento foi realizado entre os dias 5 e 10 de setembro do mesmo ano na cidade de Natal no Rio Grande do Norte e o principal motivo era lidar com o ministério feminino, era lidar com Frida Vingren e calá-la oficialmente.

A Convenção Geral de 1930 tratou de quatro assuntos principais: as relações conflituosas entre os líderes suecos e brasileiros, os conflitos entre as igrejas do Norte/Nordeste e Sul/Sudeste, a unificação dos jornais Boa Semente (Rio) e Som Alegre (Belém) e o maior dos assuntos sem o qual os anteriores não existiriam: o ministério feminino<sup>19</sup>.

Sobre os conflitos, ficou decidido a separação entre os territórios e as lideranças. Os suecos seriam os responsáveis pelas igrejas no eixo Sul-Sudeste e os pastores brasileiros ficariam com as igrejas do Norte/Nordeste. Os jornais seriam extintos e seria criado um veículo que iria uniformizar a informação e se chamaria *O Mensageiro da Paz*, que existe até hoje, sua redação seria dividida entre Samuel Nystrom e Frida Vingren, pelo menos em tese. Já o ministério feminino foi limitado a testemunhos (contar bênçãos recebidas ou atendidas diante da congregação) e trabalhos análogos ao serviço doméstico, a única exceção foi no caso de não se encontrar um homem que fosse ministerialmente capaz.

Frida continuou a sua luta pelo direito de exercer o seu ministério pleno e usou o jornal *O Mensageiro da Paz* para convocar as mulheres a não aceitarem pacificamente a decisão que as excluía e a continuarem exercendo suas habilidades e vocações em prol da obra de Deus.

---

<sup>18</sup> Ibid, pg. 126

<sup>19</sup> Ibid, pg. 124

Na terceira edição do *Mensageiro da Paz* Frida escreveu um texto chamado *Deus mobilizando suas tropas*, em que convocou as mulheres ao protagonismo e se comunicou usando o contexto do período entre-guerras para ficar mais clara a sua convocação<sup>20</sup>.

Enquanto exerceu seu ministério no Brasil, Frida teve de aprender a lidar com as oposições. Foi exigido dela uma força muito maior que qualquer homem precisaria ter para exercer as mesmas funções e, Frida lutou enquanto pôde.

### **3. FRIDA MARIA STRANDBERG VINGREN: UM EXEMPLO DE DEVOÇÃO E RESILIÊNCIA**

Frida viveu no Brasil entre 1917 e 1932. Eram as primeiras décadas do século XX, o Brasil havia se tornado uma República não tinha muito tempo. Era uma época bastante restritiva ao papel público da mulher. Raramente as mulheres eram incentivadas a seguirem uma carreira acadêmica ou profissional e, se entendia que seu papel era apenas voltado aos afazeres familiares.

No referido período vigorava no Brasil a Constituição Federal de 1891, a primeira da Era Republicana, e esta não compreendia a mulher como alguém equiparada ao homem em termos de direito, como por exemplo, ela não podia votar ou ser votada<sup>21</sup>. Tal direito só seria garantido após a Revolução de 1930.

À época não se pensava em igualdades de direitos e oportunidades entre homens e mulheres, a busca pela equidade entre os gêneros, tão discutida em nossos dias, não era um assunto presente daquele debate público. Além da questão dos direitos relacionados à mulher, é preciso pensar no contexto religioso da época.

No período de Frida no Brasil, a leitura bíblica em linguagem conservadora era o padrão e, com isso os textos que apontavam para a submissão feminina eram interpretados literalmente. O Fundamentalismo, que começou nos Estados Unidos no início do século XX, trouxe influências para o Brasil, e uma de suas características principais era o literalismo bíblico<sup>22</sup> e, portanto, nos ambientes religiosos, em sua maioria, não se admitia o exercício ministerial feminino.

Diante dos parâmetros estabelecidos no período, os líderes da igreja entendiam que a luta contra o ministério feminino sinalizava zelo religioso, pois segundo a interpretação dos textos bíblicos tal atividade não encontrava respaldo.

O caso de Frida é um importante exemplo de resistência e que deve ser resgatado em pleno século XXI para mostrar como o discurso de submissão pode trazer consequências a uma mulher. O mais incompreensível não foi o fato dos líderes da época terem postura conservadora em relação a sua liderança, mas o

---

<sup>20</sup> ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira**. Pg. 133

<sup>21</sup> FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2015. Pg. 216

<sup>22</sup> GEERING, Lloyd. **Fundamentalismo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. Pg. 46

fato de que até os dias atuais muitas mulheres têm seus direitos negados sendo cerceadas de exercerem seus ministérios plenos sob os mesmos argumentos do passado.

Frida Vingren teve uma vida relativamente breve, viveu 49 anos e a maior parte destes foram dedicados ao trabalho ministerial. Trabalhou com intensidade, colocando seus talentos à disposição de servir e serviu da melhor maneira que lhe fosse possível.

Todo o empenho de Frida fez com que ela ao invés de receber o reconhecimento por seus inúmeros trabalhos prestados, sofresse as mais duras oposições e desgastes em sua vida e ministério.

O caso de Frida é representativo e expõe a realidade de muitas mulheres pentecostais do Brasil: pessoas dedicadas, devotas e que são sistematicamente restringidas pelas próprias igrejas que servem, sendo-lhes negado o reconhecimento pleno de suas vocações.

Frida sempre foi uma excelente esposa, uma mãe muito presente e serva dedicada na obra sagrada e em outras perspectivas se pareceu em muito com as muitas mulheres pentecostais brasileiras, pois teve uma vida com inúmeras dificuldades para se manter e cuidar de seus filhos.

A realidade social da Suécia à época era bem diferente do que é hoje. O país era pequeno e não tinha um quadro estruturado de bem-estar social que conseguiu desenvolver ao longo das décadas. E ainda mesmo no seu país de origem, Frida teve de estudar e trabalhar para se manter, em uma época em que as oportunidades para as mulheres eram bem precárias.

Ao todo Frida ficou no Brasil de 1917 a 1932. De 1917 a 1924 a família Vingren esteve em Belém do Pará e de 1924 a 1932 se dedicaram em cuidar da igreja que eles inauguraram na capital, o Rio de Janeiro.

Durante a permanência no Brasil, a família Vingren teve muitas dificuldades para sobreviver, os recursos eram escassos, não tinham salários fixos e muitas vezes dependiam das doações que recebiam dos membros de suas igrejas, por vezes essas doações eram feitas com produtos que eles cultivavam.

A passagem por Belém também não foi fácil. Gunnar Vingren ficou doente várias vezes e Frida contraiu malária em 1920, o que a fez sofrer por mais de cem dias e quase lhe tirou a vida<sup>23</sup>. Para piorar, pouco depois do Natal do mesmo ano, Frida sofreu um aborto espontâneo do que seria o terceiro filho do casal.

Enquanto residiam na cidade de Belém, Frida também ajudava na redação do primeiro jornal do movimento assembleiano no Brasil, o Boa Semente, escrevendo neste matérias para o jornal de sua igreja de origem e foi exatamente neste momento que Frida sofreu a primeira das muitas oposições que teria de seu conterrâneo, o pastor Samuel Nystrom. Samuel, que havia celebrado o casamento

---

<sup>23</sup> ARAUJO, Isael. **Frida**. Pg. 50

do casal, se opunha à liderança de Frida no jornal e procurava maneiras de restringir sua participação.

Nystrom era um pastor sueco que chegou ao Brasil pouco antes de Gunnar Vingren e Daniel Berg, foi um conservador e contrário ao ministério feminino, por isso teve muitos embates com Frida ao longo do tempo em que permaneceram no Brasil.

O pesquisador Gedeon Alencar escreveu em uma de suas obras que o *conluio* entre Samuel Nystrom e pastores conservadores do Nordeste fez com que a oposição a Frida fosse forte demais, tanto que resultou nesta primeira e marcante convocação da Convenção Geral de 1930 onde definitivamente foi decretado o não-reconhecimento do ministério pastoral feminino<sup>24</sup>.

Após 1930 as Convenções Gerais se tornaram de praxe e periódicas e são realizadas com o intuito de eleger à presidência e a mesa diretora, além de determinar os rumos da denominação no Brasil. Em algumas outras oportunidades o ministério feminino voltou a ser analisado, mas sistematicamente reprovado, como na Convenção de 1983 e na Convenção de 2001<sup>25</sup>.

No meio eclesiástico, especialmente o de tradição pentecostal, é um enorme tabu a questão do ministério feminino. A maioria das denominações não aceitam que uma mulher possa ser pastora e, quando algumas aceitam seu ministério não pode ser independente e nem maior que o do marido<sup>26</sup>.

Frida Vingren não aceitou ser impedida de exercer a sua vocação, tanto que para freá-la seus opositores não encontraram outra forma de lidar com a situação que não fosse por uma Convenção Geral que reunisse todos os líderes eclesiásticos que atuavam no Brasil, fossem eles suecos ou brasileiros.

Se a Convenção Geral de 1930, que contou com a presença do Pastor da Igreja Filadélfia de Estocolmo Lewi Petrus, aconteceu por causa da liderança feminina. Era um sinal claro de que as mulheres exerciam essa liderança nas igrejas do movimento, mesmo que em menor quantidade.

Em relação à principal discussão dessa Convenção, não houve conciliação, o ministério feminino foi declarado ilegítimo. Mas, o que esperar de uma convenção cuja delegação era composta praticamente por homens conservadores e não-favoráveis à liderança feminina?

A declaração da Convenção deixou claro a proibição de mulheres exercerem a função pastoral e de ensinarem nas igrejas, a não ser na ausência de homens preparados para tais tarefas, mas cabe ressaltar que esta ponderação ficou vaga e discutível, uma vez que a comprovação desse *preparo* era algo subjetivo.

---

<sup>24</sup> ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira**. Pg. 124

<sup>25</sup> DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. Pg. 40

<sup>26</sup> CORREA, Marina. **Assembleias de Deus – Ministérios, carisma e o exercício do poder**. 3ed. São Paulo: Recriar, 2020. Pg. 133

Vale lembrar que o Movimento Pentecostal em seu início na Rua Azuza tinha lideranças femininas junto a William Seymour. No pentecostalismo estadunidense a presença de mulheres foi marcante. Agnes Ozman foi a primeira a testemunhar a experiência do batismo com o Espírito Santo e, no Brasil foi Celina Albuquerque a primeira a alcançar tal experiência. Ela inclusive abrigou cultos pentecostais no início do movimento em sua casa em Belém.

No Brasil a presença e liderança de mulheres foi praticamente habitual até 1930, entretanto quando o Movimento se consolidou elas foram impedidas e deixadas em segundo plano.

Esse cerceamento às mulheres foi um duro golpe no ânimo de Gunnar Vingren e da própria Frida Vingren, que mesmo diante disso não se calou e teve posições contundentes diante da situação inclusive no dia da própria Convenção de 1930. Frida se manteve convicta e não acreditava que Deus concedesse dons a apenas algumas pessoas. Para Frida os dons do Espírito Santo eram para homens e mulheres igualmente e sem quaisquer distinções<sup>27</sup>.

Frida continuou lutando pelo seu direito e das demais mulheres de exercerem seus ministérios. Sua insistência e luta geraram anos mais tarde o surgimento de uma versão de que Frida teria cometido adultério e que tal fato seria a real explicação da oposição das lideranças à sua imagem.

É bem provável que esse suposto caso de adultério tenha sido uma estratégia para depreciar Frida, aliás uma estratégia muito comum usada contra mulheres, principalmente quando estas não desistem ou quando os argumentos não são suficientes. Ataques à honra de mulheres são feitos a fim de desmoralizá-las ou mesmo de serem consideradas histéricas ou loucas.

Uma mulher da postura e com as posições de Frida, dificilmente cometeria um adultério. Se isso ainda hoje tem um enorme peso moral entre os membros de uma igreja, quanto mais há quase um século atrás e ainda mais sobre uma liderança tão importante como Frida. Ainda hoje pessoas são excluídas de suas igrejas pelo ato do adultério, condenado como falta de obediência a Deus e uma deformidade moral.

É de se estranhar a veracidade desse caso de adultério pois, na época, em que ocorreram os conflitos sobre o Ministério Feminino nos anos 1930 e 1931, nunca houve menções a este suposto caso. Certamente se tivesse acontecido, as autoridades masculinas que já não eram dispostas a tolerar a liderança feminina, usaria tal episódio contra Frida e esta seria uma *prova irrefutável*.

Se Frida fosse uma adúltera por que Nystrom nunca falou nada sobre isso? e quando denunciou a missionária à Igreja de Estocolmo em 1932, seus argumentos sempre foram sobre a sua liderança que se sobrepunha a dos homens, um suposto

---

<sup>27</sup> VILHENA, Valéria. **Frida Maria Strandberg: uma missionária esquecida: movida pela Ruah e impedida pelos homens.** In. Pistis e Práxis: Curitiba, 2018. Pg. 630

caso extraconjugal sequer foi mencionado<sup>28</sup>. E mesmo que o caso de adultério tenha acontecido, seria justo que uma pessoa que dedicou sua vida a uma causa fosse silenciada e esquecida por um ato isolado de relativização de sua moral? Se algo parecido acontecesse com uma liderança masculina, este também seria calado e esquecido?

O sofrimento dos Vingren continuaria e em 23 de julho de 1932 o casal perderia sua filha Gunvor aos quatro anos de idade vítima de difteria. A filha foi sepultada no Rio de Janeiro<sup>29</sup>.

Depois de tantas oposições e do sofrimento da perda da filha, os Vingren decidiram se despedir do Brasil e partir em direção a Suécia e, assim nunca mais Gunnar e Frida pisariam em solo brasileiro. Quando Vingren deixou o Brasil seu substituto à frente da igreja de São Cristóvão foi Samuel Nystrom<sup>30</sup>.

Gunnar Vingren provavelmente não se recuperou de tudo o que viveu no Brasil e como foi o término de sua passagem pelo país. Além disso sua saúde fragilizada e seu físico cansado fizeram com que não resistisse por muito tempo e no dia 29 de junho de 1933 faleceu na Suécia aos 54 anos de idade<sup>31</sup>. Após a saída do Brasil, da morte da filha e do esposo, os últimos anos de Frida seriam de intenso sofrimento.

Neste período de viuvez as atividades de Frida foram bem diferentes das que exercia durante o seu ministério. Frida teve de cuidar sozinha dos seus filhos e teve de lidar com as muitas dores que tinha acumulado: a perda do marido, a perda da filha, seu distanciamento da vocação em solo brasileiro, a solidão que naquele momento vivia.

Em 1934, Frida Vingren tentou retornar ao Brasil, mas a Igreja Filadélfia não aceitou o seu envio, assim como não aceitou sua tentativa de ir a Portugal. Diante dessas negativas, Frida tomou seus filhos e tentou voltar ao Brasil por conta própria, mas um grupo de pessoas da igreja a avistou na rodoviária e ela foi impedida de prosseguir com o seu intento.

Da rodoviária, Frida foi levada à delegacia e de lá para o hospital psiquiátrico, onde foi internada compulsoriamente no Hospital de Konradsberg em pleno dia de Natal de 1934<sup>32</sup>.

Frida foi impedida de exercer seus dons e ministério, foi impedida de voltar para o Brasil, local que ela abraçou como sendo a sua casa, foi separada de seus filhos após a internação, condenada à solidão e internada algumas vezes de modo compulsório em hospitais psiquiátricos.

---

<sup>28</sup> ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira**. Pg. 136

<sup>29</sup> ARAUJO, Isael. **Frida**. Pg. 152

<sup>30</sup> NELSON, Samuel. **Samuel Nystrom**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. Pg. 45

<sup>31</sup> VINGREN, Ivar. **Diário do pioneiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023. Pg. 239

<sup>32</sup> ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira**. Pg. 136

Frida sofreu dores terríveis por conta de um câncer no estômago. Em seus últimos dias teve alucinações e alternava entre negar e afirmar as acusações que sofria e teve crises de perseguição, gerada pelas oposições ferrenhas com as quais teve de conviver por causa da igreja<sup>33</sup>.

Muitos afirmaram que Frida foi internada porque tinha enlouquecido, mas é bem provável que ela tenha enlouquecido porque foi internada e por causa das muitas formas de dores que foi obrigada a sofrer.

No dia 30 de setembro de 1940 sua vida terminava, um fim triste e doloroso bem diferente do que uma pessoa com a sua dignidade e devoção merecia receber. Ainda paira a perspectiva de que Frida tenha sido enterrada como indigente, além do que nas Assembleias de Deus do Brasil praticamente não foi noticiada a sua morte. Frida teria sido condenada ao esquecimento mesmo após a sua morte.

Apenas na edição do Mensageiro da Paz de janeiro de 1941, portanto quatro meses depois de morrer, foi publicada uma breve nota informando sobre o seu falecimento.

Frida Vingren foi uma mulher multitalentosa, dedicada em tudo o que fez e profundamente apaixonada por Deus e Sua Obra, morreu prematuramente, doente, pobre, solitária e esquecida, martirizada pela própria igreja para a qual dedicou sua vida.

## **CONCLUSÃO**

No dia 22 de junho de 2024, em culto solene realizado na Igreja Assembleia de Deus em São Cristóvão no Rio de Janeiro, por ocasião do centenário da inauguração da igreja na cidade, o bispo Abner Ferreira do Ministério de Madureira fez uma homenagem a Frida Vingren.

Na homenagem, o bispo Abner reconheceu que Frida foi perseguida por causa de sua liderança, que foi silenciada e injustiçada durante o período em que esteve no Brasil. O líder da igreja negou que tenha havido qualquer tipo de prova do suposto caso de adultério envolvendo Frida e, ainda enalteceu os múltiplos dons da missionária. Listou os hinos compostos por ela que até hoje estão no hinário usado pela denominação e por fim mostrou uma placa que será exposta permanentemente em que reconhece Frida Vingren como a primeira pastora da Assembleia de Deus em São Cristóvão, igreja fundada por ela e o marido em 1924.

Apenas 84 anos após sua morte, Frida é reconhecida como pastora da igreja que ela mesma fundou. O gesto de reparação histórica é simbólico e pedagógico, tem a sua importância, mas por si só ainda não é o suficiente. Frida deve estar no lugar central da história oficial da denominação e do Movimento Pentecostal e

---

<sup>33</sup> Ibidem



deve-se repensar nas posturas conservadoras que tornam o ambiente favorável a que homens se sintam confortáveis em se opor às lideranças femininas.

Enquanto o discurso de submissão feminina for naturalizado, a realidade das mulheres nestas igrejas não terá mudanças consideráveis. Este tipo de discurso ainda é muito presente nas tradições pentecostais e neopentecostais, não se resume a essas linhas, mas se manifesta de modo contundente nelas.

O discurso gera prática e a prática pode gerar apagamento, silenciamento e não-reconhecimento do papel e da dignidade da mulher. Não se pode esquecer que mesmo no Movimento Pentecostal a mulher foi a força motriz que gerou e até hoje mantém as igrejas em todo o país.

Dedicadas e devotas, as mulheres em sua maioria não são reconhecidas como pastoras e não tem direito a exercer suas vocações na plenitude. Frida Vingren foi uma mártir, alguém que deu a sua vida pela causa que acreditou.

Frida não era liberal, não era revolucionária, era mãe e esposa dedicada, atuava em praticamente todas as áreas do serviço eclesiástico e, as fazia com maestria. Frida não queria causar, não queria tomar a igreja para si, não queria riquezas ou poder, queria apenas servir e ter o direito de falar sobre o amor de Deus. Em um dos hinos assinados por ela e que até hoje está presente no cancionário pentecostal, chamado *Já Achei uma flor gloriosa*, expressa muito de sua devoção e piedade:

Já achei uma flor gloriosa,  
E quem deseja a mesma terá:  
A Rosa de Saron preciosa,  
Entre mil mais beleza terá.  
No vale de sombra e morte,  
Nas alturas de glória e luz,  
Esta rosa será minha sorte,  
Precioso pra mim é Jesus.

Precioso pra mim é Jesus,  
Precioso pra mim é Jesus,  
Eu confesso na vida e na morte:  
Que tudo pra mim é Jesus<sup>34</sup>.

Sua Teologia simples e voltada à devoção sempre esteve presente em sua vida e em sua vocação. Frida era uma mulher numa estrutura centrada no masculino, era humilde em um ambiente de vaidades, era devota em um ambiente de intensos interesses político-eclesiásticos.

O caso de Frida é um símbolo, mas certamente, não é único. Ainda hoje muitas sofrem em ambientes conservadores, seja com o discurso de submissão, seja pelo não-reconhecimento de suas vocações.

---

<sup>34</sup> Vvaa. **Harpa Cristã**. Disponível em: <https://www.harpacrista.org/hino/196-uma-flor-gloriosa>

Que o exemplo de Frida não seja apenas uma inspiração, nem apenas um lamento, mas, que cause em cada um e em cada uma, indignação para que a justiça cristã seja buscada a fim de que outras *Fridas* não sejam mais vitimadas.

“E Deus disse: que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra.”<sup>35</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://www.harpacrista.org>

[www.relep.org.br](http://www.relep.org.br)

ARAÚJO, Isael. **Frida**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira**. São Paulo: Novos Diálogos, 2013.

COSTA, Moab Cesar Carvalho. **O Agendamento do Pentecostalismo Brasileiro**. São Paulo: Recriar, 2020.

CORREA, Marina. **Assembleias de Deus – Ministérios, carisma e o exercício do poder**. 3ed. São Paulo: Recriar, 2020.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2015.

GEERING, Lloyd. **Fundamentalismo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

NELSON, Samuel. **Samuel Nystrom**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

VINGREN, Ivar. **Diário do pioneiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de Frida Maria Strandberg (1891 – 1940)**. Tese Doutoral, São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016.

---

<sup>35</sup> Cf. Gênese 4.10